

Sôbre dois microlepidópteros (Tortricoidea, Grapholitidae)

por

A. da Costa Lima

(Com uma figura no texto e 15 figuras em duas estampas)

Em junho de 1943 o Eng. Agr. J. A. DE CARVALHO NETTO, da Diretoria de Defesa Sanitária Vegetal, então aluno do Curso de Especialização da Escola Nacional de Agronomia, teve o ensejo de examinar favas de cássia amarela (*Cassia fistula*) com as sementes atacadas por lagartas de um Tortricídeo.

Já conhecia o inseto de exemplares obtidos pelo Sr. C. HATHAWAY, em 1938, de favas da mesma planta, colhidas em Manguinhos (Instituto Oswaldo Cruz).

Por muito tempo esperei que CARVALHO NETTO publicasse suas observações. Infelizmente, porém, nada escreveu sôbre o inseto.

Em janeiro de 1944 colecionei mais alguns exemplares da mariposinha também obtidas de favas de *Cassia* da Fazenda Mato Dentro, em Campinas (São Paulo) e em julho do mesmo ano foi-me enviado outro exemplar, saído de sementes de pau ferro (*Caesalpinia ferrea*) do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Por essa época havia em nossa coleção na Escola 4 exemplares de outro Tortricídeo, todos cedidos pelo Eng. Agr. ARISTÓTELES SILVA, 2 apanhados em junho de 1934, pelo Eng. Agr. I. DESLANDES, em Paranaguá (Paraná) (n.º 2322 da Dir. Def. Sanit. Veg.) com a indicação: "atacando frutos de pinheiro do Paraná" (*Araucaria angustifolia*) e 2 obtidos de "pimentão" (*Capsicum* sp.) de Palhoça, Anitópolis (Santa Catarina), pelo Eng. Agr. A. D. FERREIRA LIMA, em junho de 1941 (n.º 6132 da Dir. Def. Sanit. Veget.), n.º 9415 e lâminas 2509, 3380 a 3382, da coleção da Escola Nacional de Agronomia.

Em junho de 1946 foram-me enviados pelo Sr. FERNÃO PAES LEME vários espécimes desta segunda espécie, igualmente criados de pinhões (sementes de pinheiro do Paraná) (n.º 9763 e lâminas números 2871 a 2873 e 3383 a 3385, da coleção da Escola Nacional de Agronomia).

Finalmente, o naturalista ANTENOR DE CARVALHO, visitando em junho de 1949 o Parque Florestal do Instituto Nacional do Pinho, em Santa Catarina, colheu abundante material do mesmo inimigo do

pinhão (n.º 10.263 e lâminas preparações números 3375 a 3379, da coleção da Escola Nacional de Agronomia).

Solicitado a indicar-lhe o nome do inseto, tive de reestudar todo o material anteriormente examinado, não somente da mariposinha das sementes de *Cassia* como também da que se desenvolve em pinhões.

Cheguei então à conclusão de ambas serem provavelmente novas espécies de *Laspeyresia*.

Todavia, imaginando a possibilidade de se encontrarem na coleção do British Museum, enviei ao Dr. W. J. HALL, Diretor do Commonwealth Institute of Entomology, espécimes acompanhados dos seguintes informes (carta de 13-X-1949):

N.º 2 — The caterpillar eats seed pods of a *Cassia*, as is mentioned in the 5th vol. "Insetos do Brasil". It was referred by me as a species of *Melissopus* Riley, or a nearly allied genus, but, as was pointed out by MOSHER, can hardly be separated from *Carpocapsa* Treitschke. I should prefer name it and also the following number (10.263) as representants of *Laspeyresia*.

N.º 10.263 — The caterpillar of this little moth, which seems to be a new species *Grapholita* or *Laspeyresia*, eats seeds of *Araucaria brasiliana*. However I am in doubt if the insect may prove to be *Tortrix esperiana* Cramer or *P. Tortrix edleriana* Cramer."

HALL, em resposta (carta de 7-XII-1949), comunicou-me o seguinte:

"The two Eucosmids are both regarded here as belonging to *Laspeyresia*, but unfortunately we cannot identify either of them specifically as they are not represented in the British Museum."

Assim, ainda mais convicto de se tratar realmente de novas espécies, guardei até agora a oportunidade para as descrever.

Há pouco tempo chegou-me às mãos a contribuição do Eng. Agr. JOSÉ A. PASTRANA (1950—Una nueva peste en *Araucaria* de Misiones, Rep. Argentina, Lepidoptera, Grapholitidae). Por ela se verifica que o autor, tendo enviado a HEINRICH, do U. S. Nat. Mus., exemplares obtidos de sementes de *Araucaria angustifolia* (= *A. brasiliana*), colhidas na República Argentina, dêle recebeu informação que o levou a descrever o inseto com o nome — *Laspeyresia araucariae* n.sp.

Pelo aspecto da tíbia e do artículo basal do tarso da perna posterior dos machos, consideravelmente dilatados e densamente revestidos de escamas, pela nervação das asas posteriores, esta espécie poderia ser classificada em *Melissopus* Riley. Todavia, na espécie-tipo deste gênero, o aspecto da genitália é bem diferente do que se vê em *Laspeyresia araucariae*. Daí ser realmente mais acertada a inclusão em *Laspeyresia*.

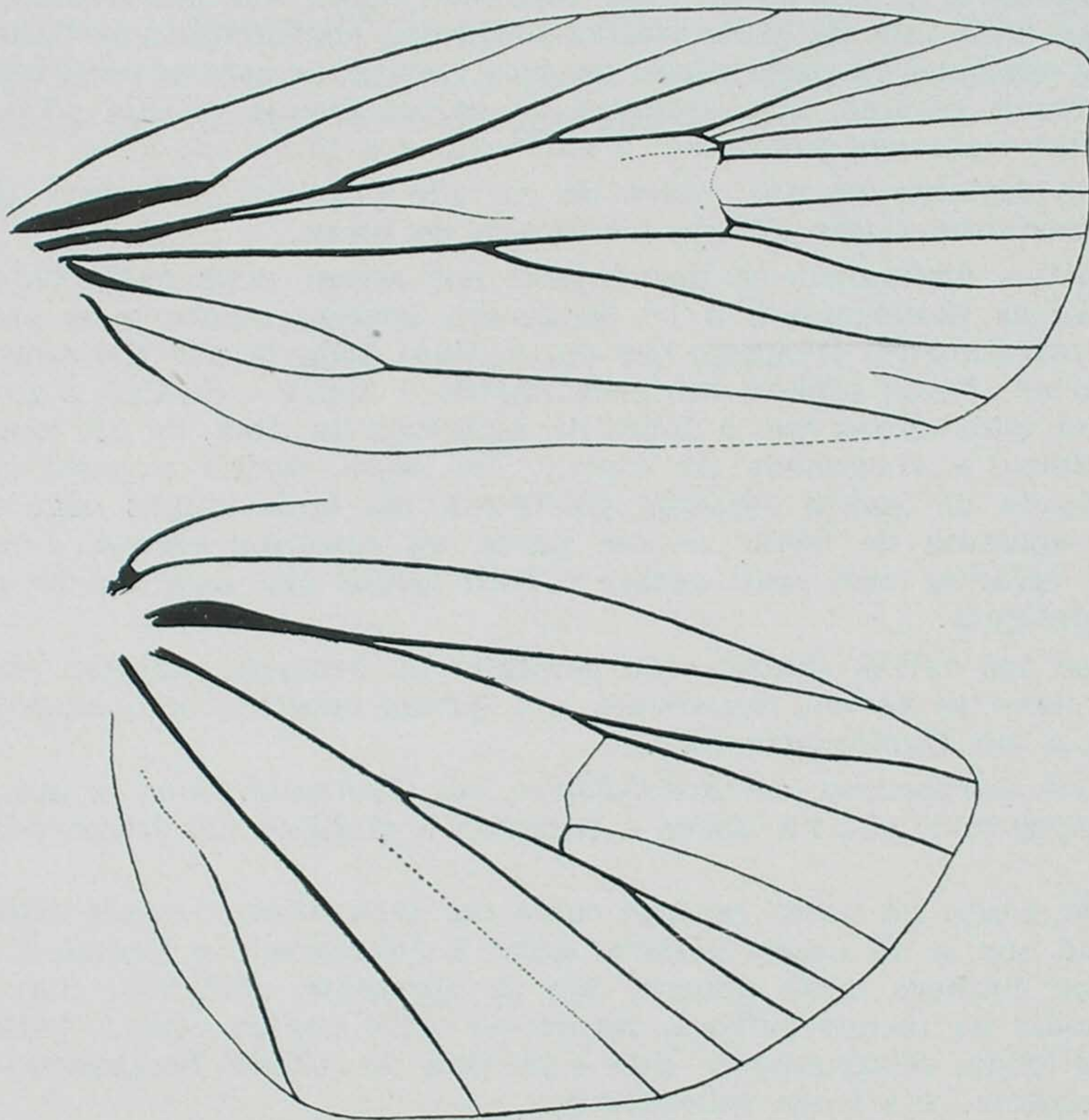
Passo a descrever a outra espécie, que se desenvolve em sementes de *Cassia fistula*.

Laspeyresia cassiana n. sp.

Espécie muito próxima de *Laspeyresia araucariae* Pastrana, da qual se distingue principalmente pelo desenho da asa anterior e pelo aspecto da genitália.

Côr geral do corpo parda escura, quase negra. De côr cinzenta ou parda clara: as escamas que revestem os palpos (menos as do segmento distal, que são enegrecidas), a face inferior da cabeça, parte dos quadris, as tíbias posteriores e a face externa e inferior das tíbias posteriores (escamas mais curtas relativamente largas).

O desenho das asas é característico, como se pode ver na figura 2.



Asas de *Laspeyresia cassiana* n. sp. (ex. 10.666, prep. 3555), Lacerda del.

Como em *araucariae*, vêem-se algumas faixas de brilho nacarado, dispostas da seguinte maneira: uma oblíqua, a mais longa, partindo do meio da borda costal, prolongando-se até o tornus, formando curva de concavidade voltada para a base da asa e atravessando uma zona estriada de negro, que divide em duas partes desiguais, sendo maior a proximal; para dentro desta faixa há outra mais curta, partindo de um ponto situado quase no meio da costa e, ao atingir a área estriada, curvando-se bruscamente em direção à base da asa e terminando quase no centro desta; finalmente, para fora da primeira faixa oblíqua, vêem-se ainda as seguintes faixas: uma pequena, transversal e

pré-apical, encostada ao limite externo da área estriada, e duas outras, mais estreitas, formando um V com o vértice perto da margem externa da asa (aproximadamente na altura da união do terço anterior da margem com os dois terços posteriores), o ramo externo do V, paralelo à borda da asa, originando de um ponto imediatamente abaixo da primeira mácula amarela da borda costal (próxima do ângulo ântero-externo da asa) e o ramo interno, o proximal, originando-se de um ponto imediatamente abaixo da terceira mácula amarela costal. Adjacentes a estas faixas notam-se distintamente as seguintes áreas de cor ocrácea mais ou menos escura: uma acompanhando a margem proximal da grande faixa oblíqua nacarada, até o ponto de encurvamento da faixa nacarada proximal; outra de escamas de cor parda, quase ferrugínea, entre estas duas faixas nacaradas, confundindo-se com as escamas ocráceas da parte proximal da área estriada; outra um pouco mais extensa que aquelas, para fora da grande faixa nacarada, confundindo-se também com as escamas ocráceas da parte distal da área estriada e com as escamas pardas, mais ou menos escuras, que revestem as partes distais da asa situada para fora da faixa nacarada pré-apical e entre ela e a faixa em V.

A parte restante da asa, cerca da metade proximal, é de cor uniforme, parda ou castanha muito escura, idêntica à do tórax.

Os machos distinguem-se das fêmeas por serem mais enegrecidos e por terem as tíbias posteriores e o 1.º tarsômero aparentemente mais espessados, devido ao revestimento escamoso que apresentam, todavia não tão espesso como em *araucariae*. Nesta espécie tal revestimento é denso e espesso e constituído por escamas mais curtas que o dobro da espessura da tíbia, de cor acinzentada na parte dorsal e enegrecida na ventral; na nossa espécie a parte dorsal da tíbia é eriçada de longas escamas piliformes (as mais longas com cerca do dobro da espessura da tíbia) de cor parda ou castanha escura, e a ventral coberta de escamas bem mais curtas e mais largas que aquelas, de cor cinza clara ou prateada.

Na base das valvas (harpes) da genitália há pequena projeção dentiforme marginal, como se vê em *araucariae*, em outras espécies de *Laspeyresia*, em *Melissopus* e em *Gymnandrosoma*.

Como em *Carpocapsa*, em *Ecdytolopha*, em *Gymnandrosoma* e outras espécies de *Laspeyresia*, não há uncus e tegumen e gnathos são fracamente esclerosados.

Todavia, tanto na nossa espécie, como em *araucariae*, o pênis difere notavelmente do que se vê nesses gêneros afins a *Laspeyresia* e mesmo em outras espécies que conheço deste gênero. Ele se apresenta alongado, com a parte proximal mais ou menos bulbosa, formando forte ângulo com a parte distal, que é mais longa, relativamente fina e provida de *cornuti* fusiformes (12 a 13 na nossa espécie; 4 a 5 em *araucariae*).

Nas fêmeas, os signos da bolsa copuladora são desiguais e mais espessos na base que em *araucariae*.

Comprimento do corpo (da cabeça a parte mais saliente das asas, em repouso): 7 a 9 milímetros; comprimento da asa anterior da fêmea: 7,5 milímetros; envergadura: 12 a 16,5 mm. Via de regra, os machos são menores que as fêmeas.

Holótipo: uma fêmea de 5 exemplares, obtidos de favas de *Cassia fistula*, em Manguinhos (10-IX-1938), pelo Sr. CHARLES HATHAWAY (Mat. n.º 9.413 e lâminas números 2.503 a 2.506, da coleção da Escola Nacional de Agronomia).

Parátipos: série de 30 exemplares obtidos por CARVALHO NETTO (Mat. n.º 10.666 e lâminas números 3.552 a 3.557, da coleção da Escola Nacional de Agronomia); 5 exemplares obtidos por C. LIMA em Campinas (Mat. 10.662) e o exemplar obtido de sementes de pau ferro do Jardim Botânico.

Tratando-se de uma *Laspeyresia* que se cria em fava de Leguminosa, pareceu-me interessante compará-la com *Laspeyresia leguminis* Heinrich, cujas lagartas, no Peru e México, atacam vagens de feijões.

Gentilmente favorecido pelo colega Dr. J. WILLE com a oferta de alguns exemplares do inseto (n.º 10.345 da Coleção da Escola Nacional de Agronomia), pude verificar que as duas espécies são bem diferentes, não sòmente quanto ao aspecto geral do corpo e desenho das asas, mas também pelos caracteres da genitália.

ESTAMPA 1

Fig. 1 — *Laspeyresia araucariae* Pastrana, 1950.

Fig. 2 — *Laspeyresia cassiana* n.sp.

Fig. 3 — *Laspeyresia araucariae*; genitália do exemplar 10.263, preparação 3377 da E.N.A.

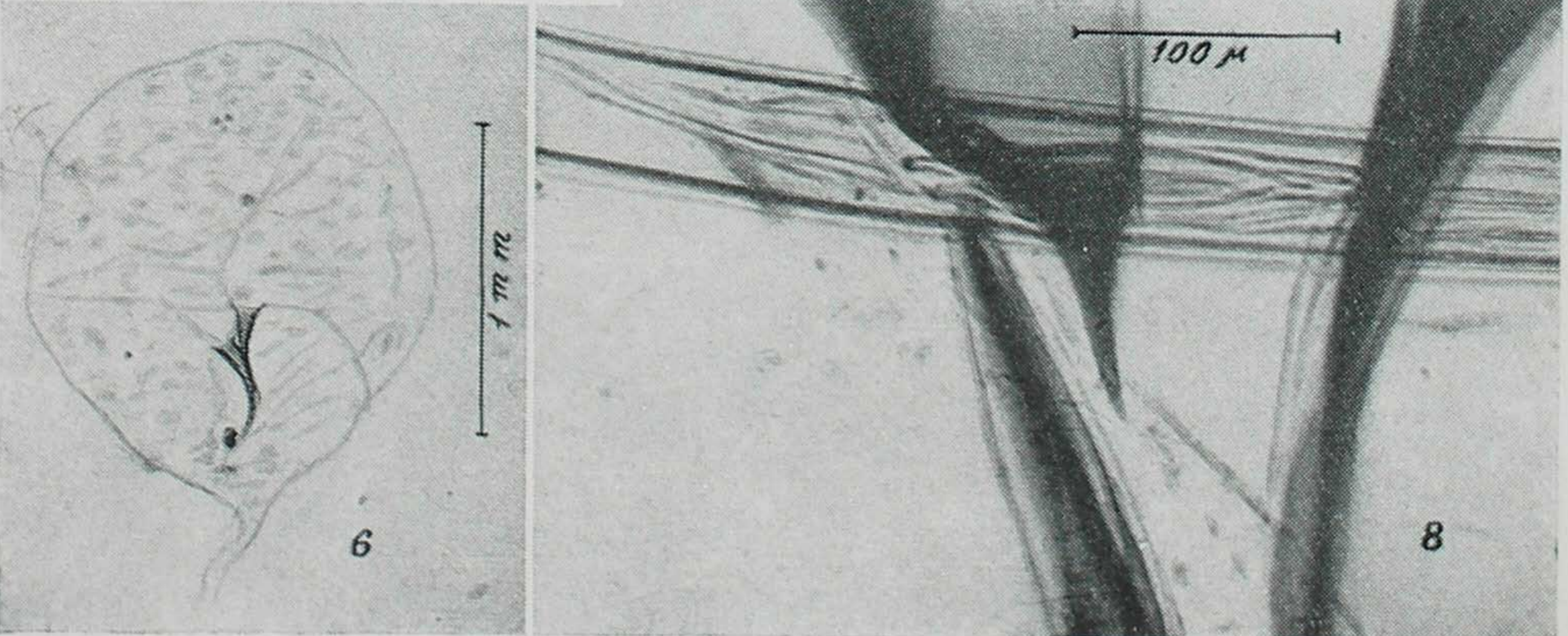
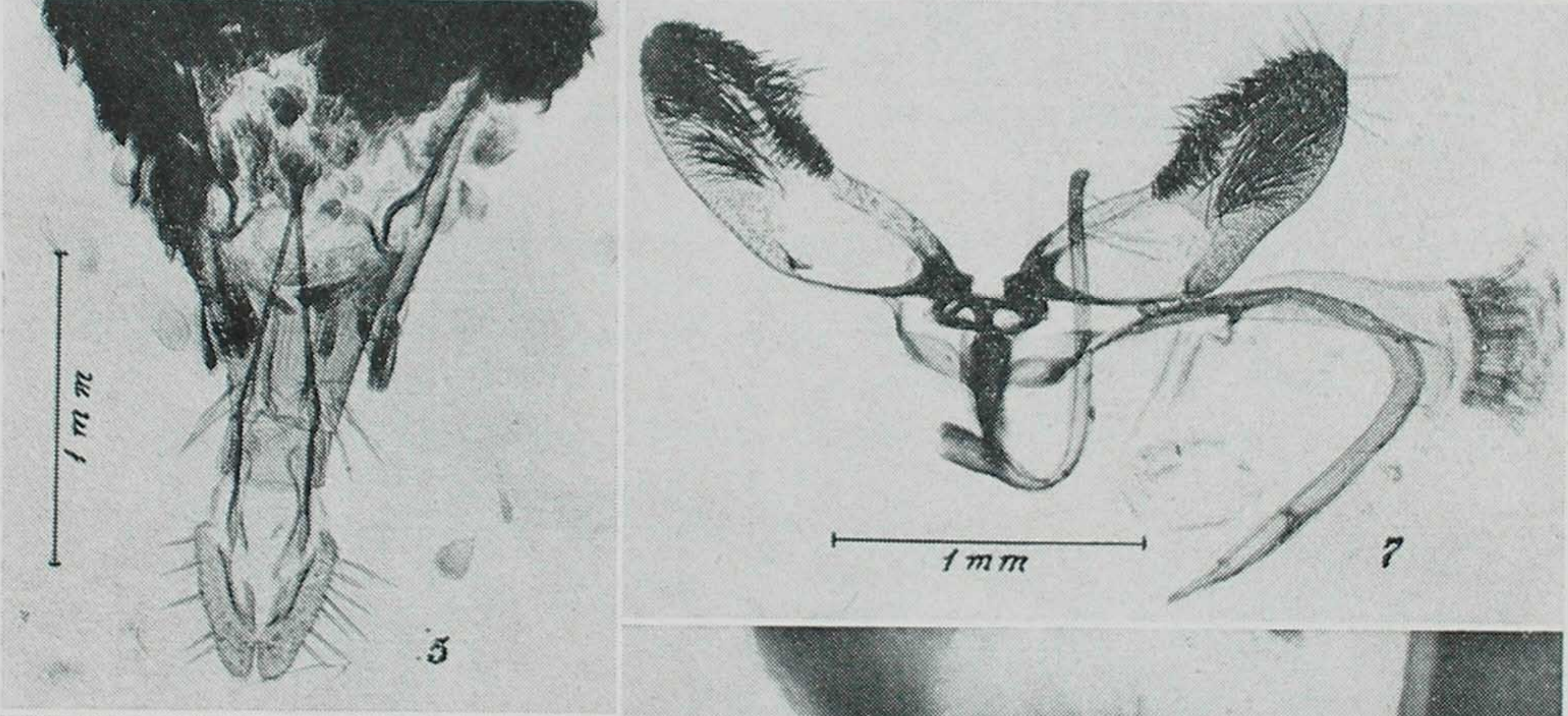
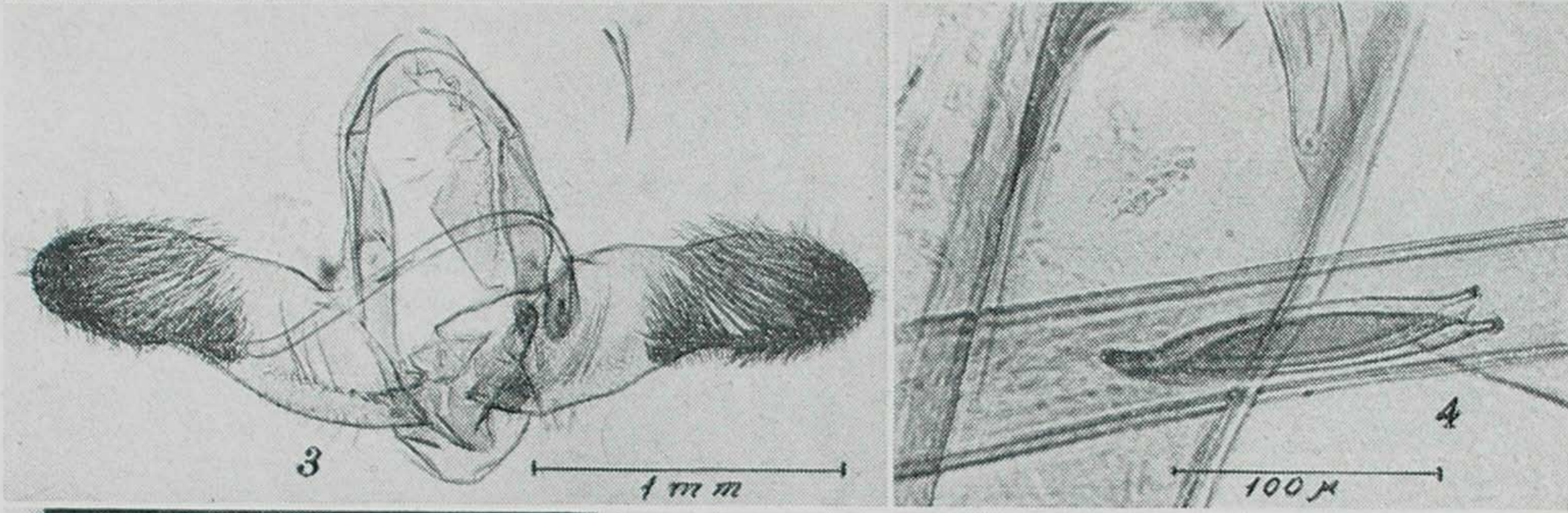
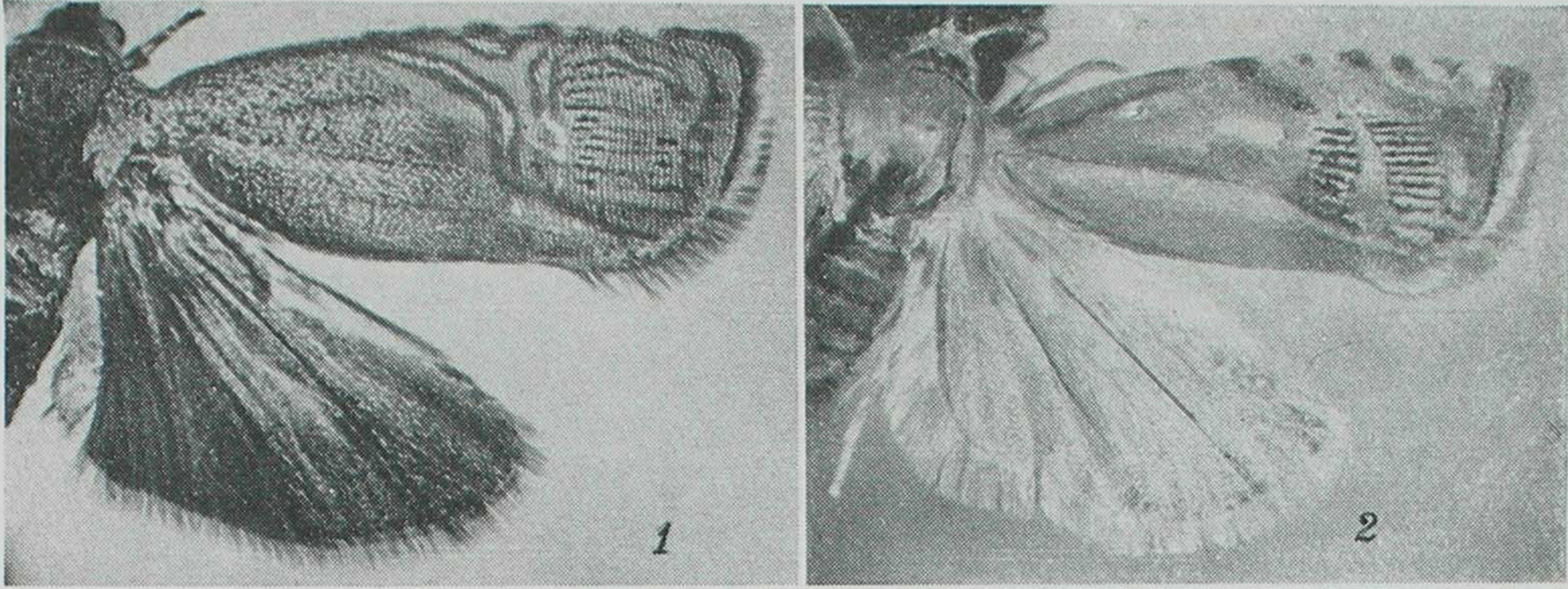
Fig. 4 — *Laspeyresia araucariae*; parte do pênis da preparação anterior, para se verem os *cornuti*.

Fig. 5 — *Laspeyresia araucariae*; parte terminal do abdome de uma fêmea da série n.º 9763, prep. 3385.

Fig. 6 — *Laspeyresia araucariae*; parte da genitália da mesma fêmea para se verem os signos.

Fig. 7 — *Laspeyresia araucariae*; genitália de um macho, criado em pimentão (n.º 9415, prep. 2509).

Fig. 8 — *Laspeyresia araucariae*; parte do pênis da preparação anterior, para se verem os *cornuti*.



ESTAMPA 2

Figs. 9 e 10 — *Laspeyresia araucariae*; parte terminal e aspecto dos signos da genitália da fêmea, criada em pimentão (n.º 9415, preparação n.º 3382).

Fig. 11 — *Laspeyresia cassiana*; genitália do macho da série 10.666, preparação 3555.

Fig. 12 — *Laspeyresia cassiana*; parte do pênis da preparação anterior.

Fig. 13 — *Laspeyresia cassiana*; genitália do macho n.º 9413, preparação n.º 2506.

Fig. 14 — *Laspeyresia cassiana*; parte do pênis da preparação anterior.

Fig. 15 — *Laspeyresia cassiana*; parte do abdome contendo a genitália da fêmea n.º 10.666, preparação 3556.

Tôdas as fotografias foram tiradas por CARLOS LACERDA.

